

MERCADO ABERTO

MARIA CRISTINA FRIAS cristina.frias@uol.com.br

Com nova lei, liberação para pequenas usinas deve crescer 550% neste ano

Regras recém-aprovadas sobre a instalação de pequenas centrais hidrelétricas devem destravar cerca de R\$ 50 bilhões em investimentos, estima a Abrapch, a associação de empresas do setor.

Publicada nesta segunda-feira (31) no "Diário Oficial da União", a lei estabelece que projetos entre 3 e 30 MW (megawatts) não precisam mais passar por apreciação minuciosa da Aneel.

Agora, a agência de energia irá aprovar um sumário

do empreendimento, fixando-se na relação entre potencial hidrelétrico do rio e quanto a usina deverá gerar.

Engenheiros que assinam o estudo se responsabilizam perante a lei, diz Ivo Pugnaloni, presidente da Abrapch. "Somados, os projetos que estavam parados na Aneel representam cerca de 7.000 MWs de energia", afirma. É cerca de metade da capacidade da usina de Itaipu.

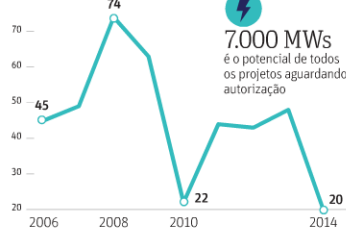
No mínimo 130 aprovações são esperadas por ele em

2015, 550% a mais em relação a 2014, quando foram 20. A Electra, do Paraná, é uma das empresas do setor que esperam se beneficiar. "Há documentos que enviei faz oito anos", afirma o diretor Valmor Alves.

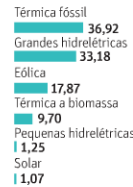
Empresários apontam outros gargalos, como demora no licenciamento ambiental e valor de venda da energia. "Nos últimos anos, o preço não atendeu os empreendedores", diz Charles Lenzi, da associação de energia limpa.

AUTORIZAÇÕES DE NOVAS CENTRAIS

Evolução de aprovações de projetos básicos



Vendas de energia em leilões por fonte, % nos últimos 9 anos



Fonte: Abrapch

Karime Xavier - 29.abr.2010/Folhapress



David Barioni Neto, da agência de apoio às exportações

TECNOLOGIA TIPO EXPORTAÇÃO

A indústria nacional de tecnologia assistiva, que engloba próteses e equipamentos usados por pessoas com deficiência, será incluída no trabalho de apoio às exportações da Apex-Brasil (de fomento ao comércio exterior). O país tem hoje uma fatia de 18% do mercado global, atrás de Estados Unidos e Alemanha. "A ideia é multiplicar essa participação e tentar fazer a indústria nacional virar líder [no segmento]", diz David Barioni Neto, presidente da agência.

Um plano de negócios que indicará potenciais mercados no exterior está em produção em parceria com a Abimo (de equipamentos médicos) e a Abridef (de produtos e serviços para pessoas com deficiência).

Dados prévios mostram que ao menos 30 grupos bra-

sileiros do setor têm capacidade de exportação.

No primeiro semestre deste ano, os embarques de produtos de acessibilidade apenas na área de saúde, como próteses, cresceram 33% em relação ao mesmo período de 2014, segundo a Abimo.

"O potencial é muito maior, pois empresas menores ainda têm dificuldades para exportar, como o custo de obtenção de certificações", diz Clara Porto, da associação. O plano setorial deverá ser finalizado em 60 dias.

US\$ 46,7 MILHÕES foram as exportações brasileiras de tecnologia assistiva na área de saúde no primeiro semestre (cerca de R\$ 170 milhões)

US\$ 35,1 MILHÕES foram as exportações no mesmo período de 2014

Confiança do comerciante bate recorde negativo

A confiança do comerciante brasileiro atingiu o menor patamar histórico pelo segundo mês consecutivo.

O indicador caiu 0,9% de julho para agosto e ficou em 82,2 (em escala de 0 a 200), de acordo com levantamento da CNC (Confederação Nacional do Comércio).

"Os problemas macroeconômicos se acentuaram bastante neste ano, com a inflação elevada e a taxa de juros para o consumidor em seu ní-

vel mais alto", diz Fabio Bentes, economista responsável pelo estudo.

O subíndice com pior desempenho foi o que mensura as condições atuais do comerciante, que marcou 43,2 pontos. As expectativas dos empresários, com 122,3, impediram que o resultado da pesquisa fosse ainda pior.

A CNC projeta a demissão de 122 mil trabalhadores do varejo neste ano. Em 2014, 153 mil postos haviam sido criados no setor.

"De 2007 para cá, não havia registro de fechamento de vagas no comércio", acrescenta o economista da entidade.

Ao todo, foram entrevistadas 6.000 pessoas em todas as capitais do país.

COMPARAÇÃO ECONÔMICA

69,0% dos entrevistados afirmaram que a economia está muito pior hoje que no mesmo período de 2014

24,7% disseram que está um pouco pior

0,9% disseram que a economia está muito melhor neste ano

5,5% afirmaram que está um pouco melhor

Mercado... A Hermès registrou no primeiro semestre um crescimento real de 9% no faturamento global, com receita líquida de € 483 milhões. O resultado é atribuído ao aumento de 20% nas vendas no Japão e de 10% nos EUA.

...de luxo No resto da Ásia e na Europa, a expansão foi de 7%. Os itens de couro tiveram a maior alta, de 14% nas vendas, graças a um aumento da capacidade produtiva. Acessórios e roupas subiram 8%.

Futuro Apesar das incertezas econômicas, a previsão do grupo para 2015 é crescer 8%, embora projete lucro operacional menor devido ao impacto negativo da flutuação cambial.

HORA DO CAFÉ



» com LUCIANA DYNIEWICZ, LEANDRO MARTINS, ISADORA SPADONI e FELIPE GUTIERREZ

Dois anos após o prazo, obras de 2007 chegam ao final

Trechos mais complicados, porém, como a serra do Cafezal, na BR-116, e o contorno de Florianópolis, na BR-101, levarão mais tempo

DE BRASÍLIA

As concessões de 2.600 quilômetros de estradas federais realizadas em 2007 estão, finalmente, começando a terminar as obras previstas.

Pelo cronograma, todas as intervenções — que somavam cerca de R\$ 4,6 bilhões — teriam de estar concluídas em 2013, mas praticamente tudo atrasou.

Das obras principais de duplicação e ampliação, apenas 12% haviam sido concluídas. Considerando todos os investimentos, o que incluía até a praça de pedágio, o valor passava pouco de 30%.

Após o governo abrir em 2013 um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) com as rodovias, os prazos de obras foram ampliados, mas as

companhias foram obrigadas a entregar intervenção dentro de um calendário preestabelecido para não ter o pedágio reduzido, entre outras punições.

Segundo dados da ANTT (Agência Nacional de Transporte Terrestre), das 577 obras atrasadas em 2013, 376 estão concluídas, o que corresponde a duas de cada três. Do restante, 97 estão em andamento e 104 ainda vão começar.

A primeira rodovia a encerrar seu programa de obras, neste ano, foi a Fernão Dias, que liga São Paulo (SP) a Belo Horizonte (MG).

O contorno de cerca de cinco quilômetros em Betim (MG) finalizou o projeto de investimento da concessão.

Outras cinco estradas que tiveram os cronogramas es-

tendidos começaram a entregar neste ano projetos de maior relevância, como a concessão da BR-101 (RJ), que concluiu a ampliação de pistas no acesso à ponte Rio Niterói.

Mas as obras mais complexas, que dependem de licenciamento ambiental ou desapropriações complicadas ou serão feitas em áreas de maior dificuldade, ainda vão demorar. Entre elas estão a conclusão da serra do Cafezal, na rodovia Régis Bittencourt (SP), e o contorno de Florianópolis (SC), na BR-101.

A previsão atual é que todo o programa — que previa cerca de 1.200 quilômetros de novas obras — só fique pronto em 2018, uma década depois de iniciado.

(DIMMI AMORA)

PASSOS LENTOS

Após sete rodovias concedidas, pacote não fecha e governo projeta término para 2018

Principais intervenções

BR-381/SP-MG (Fernão Dias) O programa de obras foi encerrado no primeiro semestre com a conclusão da principal obra, o contorno de Betim (MG)

BR-116/SP-PR (Régis Bittencourt) Obras de pequeno porte foram concluídas. A duplicação da serra do Cafezal, prevista para 2016, atrasou e a previsão ficou para 2018



376 foi o número de obras concluídas entre 577 previstas para maio de 2015

BR-101/RJ

As obras para duplicar os acessos à ponte Rio-Niterói ficaram prontas neste mês. A duplicação de 176 km de vias só deve estar concluída em 2017

BR-153/SP

10 km de duplicação entre os km 338/345 e 256/258 foram feitos. Falta a conclusão de 20 km entre os km 51 e 99

BR-116/PR-SC

De 19 intervenções de pequeno e médio porte, 17 estão concluídas, faltando um trevo e uma faixa exclusiva